

CAPÍTULO PUBLICADO EM LIVRO:

DIAZ, Ricardo Borys Córdova, RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. "Ifá-Orunmilá em Cuba e no Brasil". In: PINTO, Elisabeth (org.) *Religiões, Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade (Exclusão e inclusão social, étnica e de gênero)*. São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004, v.1.

Ifá-Orunmilá em Cuba e no Brasil

Ricardo Borys Cordova Diaz¹ (Ogunda Leni em Ifá) e Ronilda Iyakemi Ribeiro²

1. Introdução

Nós, autores, ensaiamos aqui os primeiros passos para entabular um diálogo sobre diferenças identificadas nas práticas religiosas cubana e brasileira de matriz iorubá. Elegemos como eixo organizador desse diálogo o tema relativo à importância de Ifá no Sistema Religioso Iorubá, seja no continente de origem, seja em nossos países, ambos caracterizados por forte e expressiva presença desse grupo étnico da África Ocidental.

Esperamos que nosso diálogo, favorecido pelo fato de compartilharmos conhecimentos, sentimentos e convicções brotados da mesma fonte – o *Corpus Literário de Ifá* – responda a algumas questões e, mais que isso, estimule o nascimento de novas inquietações. De Cuba fala Ogunda Leni e do Brasil fala Iyakemi. O texto foi redigido a quatro mãos e parece que conseguimos não escrevê-lo em português ou espanhol.

Falando de Cuba

1. Africanos Escravizados em Cuba. Sincretismo e Transculturação

Os primeiros africanos escravizados foram introduzidos em Cuba há mais de quatro séculos e dentre os diferentes grupos étnicos que chegaram à Ilha destacaram-se os iorubás. Nas novas situações de vida que, na condição de escravos, lá encontraram, separados de tudo o que constituía seu meio e habitat original, procuraram adaptar suas crenças, mediante um processo de transculturação e sincretismos no qual desempenharam papel ativo os habitantes da Ilha, bem como o governo colonialista espanhol, cuja atitude repressiva expressou-se através de atos de proibição e restrição. Tais fatores contribuíram para o estado atual da religião em Cuba e para o nascimento da chamada religião afro-cubana, religião que não perdeu as características fundamentais que a vinculam à matriz iorubá, ainda que tenha, sem dúvida, sofrido variações advindas do processo de sincretismo ocorrido entre o panteão iorubá

¹ Babalaô de La Habana, Cuba.

² Doutora em Psicologia e Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP); docente e pesquisadora dessa universidade e da Universidade Paulista (Unip); presidente da ONG Instituto Guatambu de Cultura.

e o panteão católico, em decorrência da proibição de realização das práticas religiosas e festivas típicas dos africanos escravizados, exercida pelas autoridades colonialistas. Como se sabe, o sincretismo é propiciado por fatores alheios à vontade dos praticantes das religiões tradicionais, que se vêem obrigados a dissimular as próprias crenças e práticas religiosas.

Impedidos de realizar quando e como quisessem as próprias celebrações, serviram-se do recurso de realizá-las em datas e momentos correspondentes às festividades de santos católicos. Sendo Santa Bárbara, por exemplo, celebrada em 4 de dezembro, o faziam nesse dia para Xangô, associado a essa santa católica por haver aspectos semelhantes em suas respectivas histórias, como o fato de estarem ambos relacionados aos raios e trovões, serem representados pelas mesmas cores e apresentarem características de guerreiros. Outro exemplo diz respeito ao dia da celebração de Orula e Ifá – 4 de outubro – o mesmo dia em que se celebra São Francisco de Assis. Tal sincretismo encontra apoio, entre outros fatores, em sua forte relação com a Natureza, com o magistério, com o cultivo de conhecimentos e da sabedoria.

Essas associações foram se constituindo e difundindo de tal modo que a celebração das divindades africanas coincide atualmente com a celebração de santos católicos. Cada um dos grupos étnicos africanos que chegaram à Ilha foi portador de suas próprias crenças e características religiosas, bem como de suas práticas, tendo todas uma essência comum e traços que as vinculam entre si. Pretendemos recortar do contexto geral, para apresentação mais cuidadosa, embora breve, alguns elementos da *Regla de Osha*, considerando sua origem iorubá e sua íntima relação com o sistema divinatório de Ifá.

2. Particularizando Dados sobre a *Regla de Osha*

A rica religião afro-cubana tem como ramo mais extenso e mais praticado a *Regla de Osha*. Sua prática teve início no final do século XIX e, com o tempo, o que fora apenas uma questão regional, foi se disseminando por toda a Ilha, adquirindo peculiaridades regionais, sem perda, entretanto, de sua estrutura fundamental e sem alterações essenciais em seu funcionamento.

Existem estados – províncias, como os chamamos em Cuba – que são verdadeiras potências na prática religiosa. La Habana, Matanzas, Cienfuegos e Ciudad de La Habana são os de maior tradição e força nessas práticas e aí a *Regla de Osha* adquiriu peculiaridades que a diferenciaram um pouco da matriz original. Essas novas formas logo se estenderam pelo resto do país.

A *Regla de Osha* ou culto às divindades e antepassados, cuja finalidade principal é proteger, guiar e orientar seus seguidores, ocupa lugar central na religião afro-cubana e possui uma ampla gama de cerimônias rituais de iniciação, rituais divinatórios e ritos fúnebres. Se a representamos como uma grande pirâmide religiosa, construída ao longo de séculos de mesclas – de raças e etnias, de classes sociais e econômicas –, vemos que nessa pirâmide o Sistema de Ifá ocupa a cúspide, o nível mais elevado, de maior hierarquia. Em outras palavras, nessa pirâmide ocupa o posto principal o culto a Ifá-Orunla e seu sacerdote, o babalaô. Em ordem descendente, ocupando ainda postos elevados, estão os babalorixás e ialorixás, encarregados, entre outras atividades, de celebrar as cerimônias de iniciação em distintos Orixás; os *oriate*, especialistas no sistema divinatório do *diloggun*, conhecido como jogo de búzios no Brasil e denominado *erindilogun* na África Ocidental; os *obá*, mestres de cerimônias, “reis” das cerimônias.

Os praticantes da *Regla de Osha* acham-se organizados em diferentes grupos individuais ou independentes, embora vinculados num certo sentido, uns aos outros, formando ramos ou famílias religiosas, organizadas sempre em torno de uma pessoa que atua como cabeça desse ramo, como guia religioso, havendo níveis hierárquicos e nexos de dependências e de cooperação entre todos. As práticas religiosas são realizadas em casas-templos que, na maioria das vezes, são as casas de moradia do líder de determinado ramo e é nesse local que ficam os objetos sagrados utilizados nos rituais e nas representações religiosas.

3. A Presença de Ifá e seus Sacerdotes em Cuba

Ifá é a divindade mais importante do panteão iorubá. Este grande Orixá representa a inteligência e a sabedoria, tendo também como aspecto importante a possibilidade de influir na vida e destino das pessoas, seja no âmbito individual ou coletivo – família, grupos sociais de todos os portes, nações e a própria humanidade como grupo. Ifá designa também o sistema oracular mais exato, preciso e complexo conhecido pela humanidade em todo seu curso histórico. Ifá é conhecido como a divindade oracular. Ao seu redor gira um complexo religioso que o singulariza em relação às demais divindades e o situa em um *status superior*.

Orunmilá, em Cuba também denominado Orunla ou Orula, é a divindade que representa o oráculo, sendo também o intermediário entre as divindades e os homens, bem como das divindades entre si. Considerado a divindade da adivinhação na religião tradicional iorubá e na religião afro-cubana, a ele se atribui uma enorme sabedoria. A ele compete orientar os praticantes quanto às cerimônias de culto às divindades e às oferendas que devem ser

realizadas para saudá-las e/ou obter sua ação protetora para que caminhem de modo equilibrado em suas vidas.

Uma das lendas iorubás narra que Ifá teve oito filhos e alguns discípulos aos quais ensinou os mistérios da adivinhação. Todos os filhos tornaram-se importantes, espalhando-se por muitas regiões da terra iorubá. Ifá era muito popular e considerado grande profeta, sendo procurado por todas as gentes desejosas de aprender a arte divinatória. Entre todos, Ifá selecionou 16 homens, cujos nomes são idênticos aos dos signos divinatórios chamados *Odu*. Devido a um desgosto sofrido por uma ofensa ocasionada por um de seus filhos abandonou a terra e regressou a *orun*. Depois de sua retirada para esse espaço sagrado, começaram a acontecer na terra uma série de situações negativas. O mundo caiu num estado de confusão e fome e as misérias espalharam-se por toda parte. Passado algum tempo, os homens de diferentes lugares reuniram-se e decidiram que era preciso acabar com essa situação e concordaram em enviar os oito filhos de Orunla ao *orun* para pedir-lhe que regressasse e pusesse fim àquela situação.

Eles fizeram isso. Chegando ao *orun* lhe suplicaram que regressasse à terra mas ele negou-se. Sendo o benfeitor dos homens incapaz de sentimentos impuros de rancor, deu a seus filhos 16 nozes da palmeira sagrada, dizendo-lhes: quando regressem à terra, se desejam prosperar, ter boas condições econômicas, boa saúde e um entorno equilibrado, aí incluído uma boa esposa, boa descendência e tudo o mais, é a Ifá que vocês devem consultar e adorar. Essa história mostra a grande incidência e importância dessa divindade para os seguidores da Regla de Osha.

Crer em Ifá é um dos aspectos mais importantes na trama religiosa do povo cubano, sendo fator vital a influência dessa divindade nas vidas dos religiosos cubanos. Sua importância é tal que seus devotos não tomam nenhuma decisão importante sem contar antes com ele.

Depois de muitos anos de evangelização e cristianismo, de proliferação de outras vertentes religiosas de caráter protestante e de processos sociais que de uma forma ou outra discriminavam essa religião africana e seus praticantes, a adoração e crença em Ifá persiste e a cada dia que passa se torna ainda maior na Ilha, mesmo porque pessoas pertencentes a outros grupos religiosos recorrem a Ifá para solucionar problemas quando se vêem diante de situações difíceis de suas vidas, estando iso refletido num adágio popular que reza o seguinte: As pessoas se lembram de Santa Bárbara quando troveja.

A prática de Ifá em Cuba hoje é assunto de grande naturalidade para os habitantes da Ilha, mesmo para os que vivem fora dela e a cada dia maior número de pessoas de outras

nações dirigem-se para Cuba em busca dos benefícios de Ifá, razão pela qual podemos considerar que em todo o continente americano Cuba é o país de mais expressiva prática desse culto religioso e de maior número de sacerdotes dessa religião.

Os motivos de consulta a Ifá são diversos, muito variados. Como cada pessoa considera a própria situação como a mais importante, não se economizam esforços para acudir a Ifá, que é consultado por problemas de saúde, trabalho, relações interpessoais e de convivência afetiva ou social, por questões amorosas... Assim, toda e qualquer situação que tenha a ver com as pessoas é motivo de consulta a Ifá pelos praticantes e não-praticantes dessa religião.

A busca de equilíbrio na vida – equilíbrio astral e energético – é motivo de aproximação, consulta a Ifá e prática decorrente das recomendações do oráculo. É preciso levar em conta que Ifá facilita essa aproximação, pois não discrimina seus consulentes e seguidores, dado que para ele todos são importantes e possuem os mesmos direitos, conforme reza um refrão de Ifá: Para Ifá são iguais o grande e o pequeno.

Essa divindade não discrimina. Responde igualmente a mulheres e homens, crianças e adultos, negros e brancos. Responde a todos, independentemente de gostos e inclinações, de nível cultural, condições econômicas e sociais. Ifá é detentor de um código ético e moral rigoroso, porém não mesquinho. Divindade imparcial, aconselha a cada um segundo suas necessidades, favorecendo uma melhor relação da pessoa com o próprio passado e uma avaliação daquilo que mais lhe convém para o presente e para a construção de seu futuro.

A antigüidade de Ifá é facilmente compreendida se lembramos que ele, em si mesmo, representa a natureza, geradora de tudo o que conhecemos e do que estamos por descobrir, possuidora de complexidade tal que nunca poderá, por maiores que sejam nossos esforços, dar-se inteiramente a conhecer.

Em Ifá acham-se reunidos todos os eventos conhecidos pela humanidade até hoje e, realizando uma análise, chega-se à conclusão de que a totalidade dos eventos que estão sucedendo e por suceder também já se encontram aí registrados. Exemplo que oferece respaldo ao que aqui afirmamos encontra-se no *Odu Oche Meji*, (Oshe? Ver Regla de Oshe) **GISLAINE: Oshe é designativo de um Odu enquanto a palavra Osha possui outro sentido. Aqui neste trecho é OSCHE mesmo e não OSHA que fala do nascimento dos unguentos olorosos e dos perfumes, substâncias muito antigas e de uso expandido há milhares de anos por todas as latitudes. Outro exemplo da antigüidade de Ifá, este de ordem científica, encontramos no *Odu Irete Meji*, que fala do nascimento e desenvolvimento de uma enfermidade conhecida como escorbuto, enfermidade relacionada à má nutrição, falta de vitamina C no organismo, cujos sintomas são o sangramento da pele e das gengivas, queda**

dos dentes e perda da visão. Um exemplo que demonstra que Ifá registra eventos futuros é encontrado no *Odu Otrupon Ogunda*, signo no qual nasceu a locomotiva, veículo desenvolvido muitos anos depois de ser Ifá conhecido pelos homens.

A chegada de Ifá a Cuba está diretamente vinculada à chegada dos povoadores africanos, que trouxeram Ifá entre os pouquíssimos pertences que puderam carregar consigo no momento de seu traslado forçado à Ilha, convertendo Cuba na nação de maior prática de Ifá, depois de sua região originária.

A presença de Ifá vem se mostrando cada vez mais forte em outros países, dentre os quais Venezuela, México, Estados Unidos e Porto Rico. Tal processo tem sido em grande medida favorecido pelo fato de sacerdotes cubanos migrarem de seu território de origem para essas terras.

Em Cuba mantém-se o mesmo sistema original de Ifá, tal como o vemos descrito em outro ensaio deste livro³. Cada um dos 256 *odu* reúne igualmente em Cuba um conjunto de histórias ali conhecidas como *patakines*. Nelas estão registrados aspectos da vida passada, acontecimentos de toda classe que se desenvolvem e nascem nesses *odus* registrando a história da humanidade. Por exemplo, no *Odu Obe Okana* nasceram os implementos ou ferramentas de Ifá, o que se costuma designar como parafernália de Ifá. Outro exemplo encontramos no *Odu Otura Irete* no qual nasce a bússola. A combinação desses signos e *odus* durante o registro ou consulta permite conhecer o estado ou situação do consulente e nesse momento, seu passado e futuro.

O culto a Ifá, integrante do sistema religioso iorubá, conservou ao ser transportado para Cuba sua complexidade e alto grau de organização. Na Ilha facilmente se constata a preservação de um sacerdócio dedicado, inteligente e restrito, sujeito a um código ético-moral inviolável e a uma vida de estudos intermináveis. Identifica-se nesse país da diáspora africana, de forma análoga ao que se vê no continente de origem, uma hierarquia de sacerdotes, competindo aos babalaôs a guarda dos ensinamentos dessa divindade de tão grande importância.

A consulta ao oráculo de Ifá em Cuba é realizada exatamente com os mesmos recursos utilizados no continente de origem – o *opele*, corrente divinatória; os *ikines* ou *nueces* de Ifá, representação física da Divindade, sementes do fruto sagrado de *ope Ifá*, palmeira dessa divindade, símbolo e instrumento divinatório mais importante; o *ibo* e os búzios.

O *opele* é uma corrente de metal ou de fio grosso com oito meias partes do fruto de mesmo nome, situadas a igual distância umas das outras, separadas em dois conjuntos de

quatro, por um intervalo maior da corrente. Cada peça dessas possui uma parte côncava e outra convexa e quando a corrente é jogada sobre uma superfície plana cada parte pode exibir a superfície côncava ou a convexa. A combinação de quedas possíveis dessas peças perfaz um total de 256 possibilidades que remetem aos 256 *Odu de Ifá*. Em Cuba os frutos de *opele* são substituídos pela casca de coco, conhecido como *obi*⁴, fruto que compartilha com o *opele* algumas condições: possuem composição física semelhante, reunida à resistência e durabilidade; possuem uma face côncava e outra convexa e são, ambos, frutos sagrados. O *opele* é utilizado diariamente nas consultas a Ifá pelos sacerdotes de Orula por ser esse mecanismo o sistema mais prático, econômico e de menor complexidade no uso cotidiano, embora seja importante esclarecer que sua exatidão e fidelidade é cem por cento a mesma.

A consulta direta a Ifá em Cuba recebe o nome de baixada de Orula, quando não faz parte do itan⁵ de uma iniciação. Baixada de Orula é a consulta ao oráculo de Ifá através dos *ikines*, cuja aparência é similar a de pequenos cocos de tamanho variável, como um ovo de pomba ou ainda um pouquinho menor. Conforme o *patakin* do *Odu Iwori Meji* Ifá deixou os *ikines* como representantes seus na terra, convertendo-se eles em seu mais fiel e preciso mecanismo de consulta e adivinhação.

A consulta a Ifá ou baixada de Orula é uma cerimônia elaborada e acompanhada por um grupo de instrumentos dos babalaôs, instrumentos esses que, por condições naturais e de disponibilidade em Cuba, foram, em alguns casos, substituídos por equivalentes. O *opon* Ifá, invariavelmente feito de madeira e também invariavelmente redondo, embora se possa encontrar entre os iorubás *opon* Ifá de forma semiquadrada, apresenta uma superfície útil de cerca de 35 centímetros. Sobre essa peça de madeira é colocado o *iyerosun* ou axé de Orula, como denominado em Cuba, preparado nesse país com compostos naturais – plantas dissecadas e inhome – convertidos num pó superfino⁶. Durante a cerimônia, o sacerdote marca os signos nesse pó, sobre o *opon* Ifá, tabuleiro em cujas bordas são esculpidas, nos quatro pontos cardeais, representações de distintas figuras. Em Cuba é bastante freqüente talhar-se uma cruz na borda superior do *opon* Ifá.

Outro implemento do sacerdote para essa cerimônia é o *iroke*, conhecido em Cuba como *irofa*. Entre os iorubás na África Ocidental trata-se de uma figura de mulher com a cabeça

³ Sàlámi, S. “Matriz Iorubá de Práticas Divinatórias nos Países da Diáspora Africana”.

⁴ Convém esclarecer que o vocábulo *obi* aqui utilizado refere-se ao coco e não à noz de cola, chamada *obi*. A pronúncia dessas duas palavras é distinta. *Obi* referindo-se a coco pronuncia-se “ôbi” e *obi* referindo-se à noz de cola pronuncia-se “obí”.

⁵ Narrativas componentes do *Odu Corpus* (Corpus Literário de Ifá), referentes a crenças, valores, virtudes e padrões de conduta. Reúne ensinamentos da tradição iorubá e recomendações de ordem prática.

⁶ Os iorubás, no continente de origem, utilizam o pó oriundo da árvore *irosun*.

alongada em forma cônica, esculpida em marfim ou madeira, enquanto em Cuba utiliza-se um chifre de veado, substituto do marfim de elefante descrito nas histórias de Ifá como seu instrumento.

Outros implementos são o *igbo* que, no caso iorubá, constitui-se de um conjunto formado por um pedaço de osso e búzios, sendo os búzios a parte positiva ou afirmativa e o pedaço de osso a negativa. Essas peças em Cuba estão conformadas da seguinte maneira: um búzio ou *aye*, caracol, que representa o negativo, isto é, o não; um *ota*, pedra, conhecida como *china pelona* (chinesa calva), pedra muito lisa, geralmente de cor branca, que é o sim ou a parte positiva; uma semente conhecida como *ojo de buey* (olho de boi) e ainda, um osso. Esse conjunto de objetos são os *igbos* e completam o conjunto utilizado para as cerimônias de consulta. Com esses instrumentos realiza-se a consulta direta a Ifá ou consulta a Ifá através dos *ikines*. O jogo divinatório de Ifá através dos *ikines* em Cuba segue exatamente o mesmo procedimento utilizado na África (descrito em outro capítulo desta obra)⁷. (Qual? a de Juarez? Inserir nota) INSERI A NOTA. O TEXTO É DO KING

Ifá é também consultado diretamente no *itan* das iniciações, de cujas cerimônias os iniciados participam ativamente. Nessa cerimônia recebem um *Odu*⁸, (inserir nota sobre; acho que descrito no texto do King) INSERI A NOTA. que os acompanhará enquanto viverem e os conselhos nela recebidos das mãos dos sacerdotes de Ifá serão vitalícios também. Sua importância é tão grande que ninguém passaria por alto uma recomendação de um *itan*, pois, certamente, a pessoa se veria na situação descrita e o conselho cumpre uma função preventiva.

As iniciações de Ifá em Cuba são a demonstração mais clara do quanto é organizado esse sistema e o respeito e admiração de que goza nesse país. Tais iniciações já não são exclusividade de cubanos, pois anualmente acorrem à Ilha muitíssimos estrangeiros para serem iniciados. Apenas esse fato mostra-se suficiente para dar a conhecer a respeitabilidade e prestígio de que goza a prática de Ifá em Cuba, divulgada internacionalmente.

As pessoas podem ser iniciadas por determinação de Ifá ou pelo desejo ou intuição que as levam a solicitar a iniciação. Quando recomendada pela própria divindade, a iniciação tem por finalidade prevenir ou solucionar um *osorbo*, conjuntura desfavorável, ou favorecer um *ire*, conjuntura favorável. Temos aí duas condições distintas: quando a pessoa escolhe ser

⁷ Sàlámi, S. “Matriz Iorubá de Práticas Divinatórias nos Países da Diáspora Africana”.

⁸ *Odus* são signos apresentados sob a forma de poemas compostos por narrativas denominadas *itan*. Por ação da sincronicidade, essas narrativas espelham condições existenciais do consulente e contêm conselhos a respeito de condutas que devem ser adotadas para o bom cumprimento do próprio destino.

iniciada certamente se verá beneficiada por essa cerimônia, mas pode realizá-la ou não. No caso de haver determinação de Ifá, a iniciação mostra-se absolutamente indispensável.

As iniciações em Cuba obedecem a uma ordem inviolável cujo primeiro passo é ser iniciado nos chamados Santos Guerreiros: *Eleguá*, *Ogum*, *Oxóssi* e *Osun*. Esse grupo de Orixás de grande influência na vida das pessoas porta, cada um deles, grande poder. São recebidos juntos, residem juntos e deles se zela também em conjunto. Embora cada um desses Orixás exerça distintas ações na vida das pessoas, sua influência pode ser coletiva e assim é, desde que assentados em conjunto.

Uma vez iniciada nesses Orixás, a pessoa poderá receber, posteriormente, outras iniciações, de forma empírica algumas e outras, em obediência às recomendações do oráculo de Ifá e assim a irá avançando na esteira religiosa até chegar a seu máximo escalão, havendo variações nas possibilidades individuais, pois cada pessoa reúne distintas condições, o que possibilita distintas chances de chegar a determinados pontos do escalão religioso, em diferentes níveis hierárquicos. Alguns atingem postos mais elevados na hierarquia, conforme mencionado no início deste capítulo, sendo a iniciação como babalaô ou sacerdote de Ifá o mais alto nível possível de atingir nesse sistema religioso, posto ocupado exclusivamente por homens. No caso das mulheres, em Cuba chamadas *ovinis* e em iorubá original, *obinrin*, o nível mais alto a atingir é o de *apetevi* de Ifá.

Falando do Brasil

1. Africanos Escravizados no Brasil. Sincretismo e Transculturação

Três séculos e meio de tráfico de africanos na condição de escravos representam o fenômeno responsável pela maior migração forçada da história humana, pelo deslocamento de diferentes grupos étnicos africanos para as Américas e Caribe e pela promoção de um encontro inter-racial sem equivalente. O tráfico negreiro, responsável por uma sangria humana sem precedentes, associou à expropriação da força de trabalho dos povos africanos a expropriação simbólica. Durante o longo período de dominação branca, a escravidão agiu no sentido de destruir o universo simbólico dos escravizados, desestruturar seu quadro referencial de valores e sua cosmovisão.

No desenrolar da história do Brasil, último país a abolir a escravidão, o processo de uso da mão-de-obra escrava findou há apenas pouco mais de cem anos. Integrantes de diversas etnias africanas reunidos em chão brasileiro viram-se sujeitos, todos, ao pulso de colonizadores portugueses. Tal situação propiciou que, no decorrer do longo percurso histórico marcado pelo contato entre diversas etnias africanas, dessas com os portugueses e,

ainda, com etnias indígenas locais, elementos e concepções das várias culturas interagentes e dos ricos reservatórios de expressões religiosas para cá transpostas fossem reelaborados e que dessa transcrição surgissem formas culturais novas e novas expressões de religiosidade.

2. Religiões Brasileiras de Matriz Africana

Em *Geografia das religiões africanas no Brasil*, Bastide (1971) identifica duas grandes vertentes de expressão religiosa de matriz africana: a que deu origem aos *candomblés e xangôs* e a que originou os *candomblés de caboclo e candomblés de Angola*. No contexto urbano, influências do Catolicismo e do Espiritismo de Allan Kardec viriam a favorecer o surgimento da Umbanda.

O termo candomblé, usado para designar tradições e cultos religiosos de nações do grupo sudanês, designava inicialmente, danças religiosas e profanas. A denominação xangô, usada em Pernambuco, nas referências ao local de culto e aos próprios rituais, aponta para a importância desse orixá naquela região. Desde o início da escravidão, africanos de distintas origens étnicas uniam-se para realizar cultos religiosos e rituais mágicos que dariam origem ao Candomblé. Essa denominação advém do termo *kandombile*, que significa culto e oração. Segundo Carneiro (1969), somente em 1830 o Candomblé surgiria oficialmente no Engenho Velho, terreiro fundado na Bahia por três mulheres negras – Iyá Dêta, Iyá Kalá e Iyá Nassô – e que viria a dividir-se posteriormente em função de disputas pelo poder. Proibido pelas autoridades civis e religiosas, sua prática tornou-se oculta, o que fez aumentar o preconceito em relação a ele. A identificação das nações de Candomblé baseia-se no reconhecimento do idioma utilizado: nomes das divindades, alimentos e roupas, cânticos rituais e histórias apresentando elementos do idioma *ewe* indicam tratar-se de nação *jeje*; se em vez de *ewe*, usam-se elementos do iorubá, sua identidade é *kêtu* e *nagô*. Segundo Lody (1987), as nações foram organizadas em: Kêtu-nagô (iorubá); Jexá ou Ijexá (iorubá); Jeje (fon); Angola (banto); Congo (banto); Angola-Congo (banto); Caboclo (modelo afro-brasileiro). O grupo jeje-nagô resulta da união de elementos iorubás e *fon* e o *nagô-vodum*, da união de elementos dos cultos aos orixás e aos voduns.

A Umbanda, surgida no Rio de Janeiro na década de 1920, teve origem na chamada Macumba, também surgida nesse estado. A Macumba assimilou elementos de múltiplas origens étnico-religiosas sem o suporte de uma mitologia ou doutrina capaz de integrar seus elementos: alguns orixás e parte da estrutura dos cultos nagôs, caboclos catimbozeiros, práticas mágicas européias e muçulmanas, santos católicos e influências do Espiritismo de Kardec. Profissionais liberais, militares e funcionários públicos, advindos do Kardecismo,

migraram para esses cultos, impondo-lhes nova estrutura e desencadeando um processo de institucionalização (Magnani, 1986). Num altar ou conga, encontramos imagens cristãs, budistas, tradicionais africanas, além da representação de personagens como índios, pretos-velhos, marinheiros, ciganos, crianças etc. As orações incluem cânticos em português aos orixás e rezas cristãs como o Pai Nosso e a Ave Maria.

É interessante considerar o fato de que, conforme assinala Cascudo (1988), na acepção popular macumba refere-se mais ao ebó e à “coisa-feita”, à mandinga, ou seja, mais às práticas mágicas, tidas como ações de feitiçaria do que às práticas religiosas. Dois termos parecem ter favorecido a inclusão do Candomblé e da Umbanda (Macumba) – agora reduzidos a suas práticas mágicas – num grande saco de gatos, favorecendo que se tornassem alvos fáceis de discriminação: o termo macumba, usado para designar todas as práticas de magia popular e tradicional, com ou sem cerimônias religiosas, e o termo mandinga, originalmente relativo ao povo mandinga do Mali, país africano e que adquiriu no Brasil o sentido de encantamento ou feitiço. Sabemos que os africanos escravizados eram impedidos de expressar suas crenças religiosas, consideradas práticas de feitiçaria. Como lhes era permitido cantar e dançar músicas profanas, associaram-se em nações, batuques, confrarias, cerimônias mortuárias, toleradas pelo regime escravista e foi aí que encontraram espaço para a preservação e transformação de suas práticas religiosas de origem. Quando chamados a organizarem-se em confrarias e irmandades católicas, ali encontravam oportunidade para cultuar as próprias divindades: ao prostrarem-se diante de ícones cristãos, construíram correspondências entre eles e as suas divindades. Os iorubás relacionaram, no Brasil, Santa Bárbara, protetora dos homens nas tempestades a *Oyá*, senhora dos ventos e tempestades; São Jorge, vencedor do dragão infernal, a *Ogum*, guerreiro, senhor dos metais; Sant' Ana, avó materna de Jesus, a *Nanã Buruku*, a mais velha *iyagba*; Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, a *Oxum*, senhora das águas doces... Congos e angolas, impossibilitados de render homenagem a seus ancestrais, passaram a render culto a espíritos-símbolos dos antepassados: Pai Joaquim de Angola, Pai Benedito, Pai João, Maria Conga...

3. A Presença de Ifá e seus Sacerdotes no Brasil

3.1. A grande marca de diferença entre dois países da diáspora africana

Certamente ocorreram, no âmbito das práticas religiosas no Brasil fenômenos de transculturação e de sincretismo análogos aos ocorridos em Cuba, o que confere a esses dois países uma série de pontos de aproximação que levam o estudioso ainda ingênuo a supor, num primeiro contato com o tema, que sendo tão expressivas as semelhanças, tenhamos expressões religiosas de matriz africana bastante similares. Mas parece que não é bem assim.

No Brasil, lamentavelmente, não temos famílias de babalaôs formados segundo o rigor imposto pela Religião Tradicional Iorubá. Razões históricas e sociais determinaram a presença pouco expressiva desses sacerdotes no Brasil durante o longo período da escravidão, uma vez que é bastante difícil acreditar que em uma população tão grande de iorubás trazidos (contra a própria vontade) para cá não estivessem incluídos representantes desse grupo de tão grande importância religiosa.

Um prolongado diálogo entre os autores do presente texto não deixa margens a dúvidas quanto a um ponto importante na comparação entre as práticas de matriz iorubá nos dois países: o fato de haver famílias de babalaôs em Cuba e não haver no Brasil constitui o principal fator das diferenças – que não são poucas nem pequenas – identificadas entre essas práticas. Um primeiro olhar, ainda ingênuo, pode levar um pesquisador a identificar tantas semelhanças nos rituais e cerimônias, que ele se veja tentado a afirmar que as semelhanças superam as diferenças. De fato, uma observação ainda epidérmica pode provocar essa impressão. No entanto, se consideramos a estrutura do Sistema Religioso Iorubá em Cuba e no Brasil, logo identificamos tratarem-se de dois sistemas com diferenças estruturais muito expressivas, cuja causa deve-se exatamente à presença ou ausência dessa importante figura religiosa: o babalaô.

Como vimos no início deste texto, na pirâmide religiosa de matriz iorubá, o Sistema de Ifá ocupa a cúspide e seu sacerdote, o babalaô, é o grande responsável – direto ou indireto – por absolutamente todos os processos mágico-religiosos implicados. Nenhum babalorixá ou ialorixá em Cuba ousaria desrespeitar essa hierarquia, mesmo porque há rigorosas regras de manutenção desse sistema grupal. Pobre do babalorixá cubano que ousasse transgredir a norma e se dedicasse, por exemplo, a realizar leitura oracular fazendo uso do *opele* ou do *opon* Ifá ou, ainda, ousasse fazer uma iniciação em Ifá. Poderia ver-se obrigado a pagar essa transgressão com a própria vida. Certamente o grupo de praticantes da Religião Iorubá em Cuba criou um sistema de regulação interna do grupo e o mantém de forma bem eficiente.

Em nosso país temos observado nos últimos anos, com força crescente nos últimos quinze anos, um movimento de introdução aos conhecimentos do Sistema de Ifá-Orunmilá, que têm como principais atores babalaôs da Nigéria e babalaôs cubanos. As notícias mais divulgadas dizem respeito à presença destes últimos no Rio de Janeiro e São Paulo. Quanto à presença de babalaôs da Nigéria, sem sombra de dúvida, o papel mais expressivo competiu nesses anos ao Babalawo Fabunmi Sowunmi, Balogun⁹ dos Babalawo de Abeokuta, capital

⁹ *Balogun*: chefe dos guerreiros, organizador das estratégias de guerra. A vitória ou fracasso depende de sua força vital; termo utilizado também para designar uma liderança religiosa. *Babalawo* (babalaô): literalmente,

do estado de *Ogun* que, por determinações do culto, sempre se fez acompanhar da sábia anciã *Obimonure Asabi Dyaolu*, respeitável praticante de *oogun* (medicina tradicional iorubá), que o assistiu como *Iyanifa*. Nesses anos todos de vinda regular ao Brasil, trazido pela iniciativa corajosa do doutor Sikiru Sàlámi, Fabunmi Sowunmi realizou mais de 500 iniciações em Ifá¹⁰ - de brasileiros e europeus – colaborando de modo expressivo para a difusão de conhecimentos da sabedoria iorubá.

No mês de março de 2003, Fabunmi Sowunmi partiu para o *orun* e em nós, que tivemos o privilégio de conhecê-lo, conviver com ele, ouvir palavras de sua sabedoria infalível e pronta e sermos por ele amados, se produz um sentimento misto de profunda tristeza e grande alegria. Tristeza pela perda da possibilidade de reencontro físico com seu sorriso de criança, seu ar sereno e bondoso. Alegria nascida da firme convicção de haver ele realizado, completa e perfeitamente, seu *ipin Ori*. Permaneceu em nós, seus seguidores, a semente plantada: buscar o melhor de si e realizar individualmente o esforço necessário para melhorar o universo. Fabunmi tem por sucessor no Brasil seu sobrinho biológico Babalawo Sowunmi que, assistido pela mesma *Iyanifa*, dá continuidade à tarefa do Mestre que o antecedeu.

Quanto ao fenômeno histórico e social da presença de babalaôs nigerianos e cubanos no Brasil, pensamos não haver sido desenvolvido até agora, com o merecido e devido rigor, um estudo. Pelo que conhecemos nos parece que tudo o que temos até agora são opiniões, a maior parte advinda de “gente do Santo”, baseadas em “bom senso”, sugestivas, muitas delas, da presença de ressentimentos cujas raízes são misteriosas e apoiadas em conclusões precipitadas.

Na presente obra, que reúne reflexões e debates sobre o tema Religiões: Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade, vemos abordada a questão da necessidade e importância de inclusão do diferente e de disposição para o enriquecimento mútuo a partir dessa inclusão. Nesse contexto encontramos em nós mesmos a tendência a identificar como diferentes os praticantes de religiões que não sejam a professada por nós. No entanto, sem esforço podemos reconhecer a necessidade de diálogo entre diferentes no interior de nosso próprio grupo de pertença religiosa. Casa dividida não sobreviverá. O que é particularmente válido para as práticas de religiões não-hegemônicas.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Liv. Pioneira Ed./Edusp, 1971.

senhor do segredo; termo muitas vezes utilizado, no Brasil, no mesmo sentido de *babalorisa* (babalorixá), homem que ocupa a posição hierárquica mais elevada no culto aos Orixás; também denominado pai-de-santo.

¹⁰ Convém esclarecer que iniciar em Ifá não significa criar novos babalaôs.

BIRMAN, P. *O que é Umbanda?* São Paulo, Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CARNEIRO, E. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969.

LODY, R. *Candomblé. Religião e resistência cultural*. São Paulo: Ática, 1987 (Série Princípios, 108).

MAGNANI, J. G. C. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986 (Série Princípios, 34).

RIBEIRO, R. I. *Alma africana no Brasil. Os iorubás*. São Paulo: Ed. Oduduwa, 1996.

RIBEIRO, R. “Macumba? Isso é coisa de preto!”¹¹ Representação das religiões de matriz africana e identidade étnico-religiosa no Brasil” (no prelo)

SALAMI, S. Poemas de Ifá e normatização de condutas sociais dos Yoruba da Nigéria. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCHUSP, 1991

¹¹ Breve resumo do trabalho RIBEIRO, R. I. *Macumba? Isso é coisa de preto! Representação das religiões de matriz africana e identidade étnico-religiosa no Brasil*. Comunicação apresentada pelo GT Psicologia e Religião, em Sessão Coordenada (coord: Geraldo José de Paiva), no 4o. Seminário Psicologia e Senso Religioso - A Representação na Religião: processos psicológicos individuais e psicossociais, IX Simpósio da ANPEPP – Estreitando laços com a realidade brasileira. São Paulo, agosto/2002